

Rosana Fachel de Medeiros
Pedagoga habilitada em Séries Iniciais (2004) e Educação Infantil (2006), Especialista em Educação e Primeiro Ano do Ensino Fundamental (2007), Mestre em Educação e Artes Visuais (2010) e Doutora em Educação e Artes Visuais (2018) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Educação Básica na Rede Municipal de Ensino de Canoas-RS desde agosto de 2009.

Leitura de imagens: estereótipos de gênero nos desenhos dos alunos

Reading images: gender stereotypes in students' drawings

Resumo: O artigo apresenta um trabalho realizado com estudantes adolescentes. O intuito foi investigar, a partir de seus desenhos, suas concepções a respeito de gênero. O trabalho consistiu em ler para os alunos três frases, sem identificação de gênero, e pedir-lhes que as representassem através de desenhos. A intenção foi analisar quais relações com os gêneros masculino e feminino os alunos realizariam. Com a análise dos desenhos foi possível perceber a reiteração dos estereótipos de gênero em suas criações.

Palavras-chave: desenho; criação; gênero.

Abstract: The article presents an exercise carried out with teenage students. The intention was to investigate their conceptions regarding gender by means of drawing. The exercise consisted of reading three sentences without gender identification to the students, and asking them to represent the phrases with drawings. The intention was to analyze masculine and feminine gender references made. The analysis of the drawings made it possible to observe the reiteration of gender stereotypes in their creations.

Keywords: drawing; creation; gender.

A PESQUISA

Ministro a disciplina de Artes¹ na escola municipal que trabalho em Canoas-RS desde abril de 2011. Nesse período proporciono, aos alunos do 6º ao 9º ano, momentos para a leitura crítica frente às variadas imagens que nos circundam, assim como lhes dei a oportunidade de experienciarem diversificadas propostas de desenho, pintura, recorte e colagem, fotografia, além de visitas a espaços culturais e de discussões acerca de diferentes movimentos artísticos.

Como minha graduação não é em Artes, mas em Pedagogia, frequentemente participo de formações e realizo leituras de livros relacionados à área da Arte Educação. Dentre essas leituras o livro *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*, organizado por Ana Mae Barbosa e Lilian Amaral (2008), que apresenta uma coletânea de textos relacionados ao ensino da Arte e às manifestações artísticas e culturais, foi bastante inspirador.

Após ler o artigo, *Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística*, escrito pela professora da Faculdade de Educação de Madri Marián López Fernández Cao (2008), fiquei instigada a realizar com meus alunos a mesma experiência que ela descreve no texto. Um exercício não sexista que realiza nas aulas que ministra nessa universidade. Com o interesse de acelerar os traçados dos estudantes e sintetizar o desenho da figura humana, ela fala algumas frases neutras, sem identificar o sexo dos agentes e eles têm de representá-las através de desenhos.

Ao analisar as representações dos alunos, chamou à atenção de Marián Cao a presença de estereótipos de gênero nos seus desenhos, fato que a fez ampliar os objetivos da proposta. Segundo Jane Felipe e Bianca Guizzo o conceito de gênero:

[1] Devido a minha aproximação com a área das Artes e por, na época, ter realizado o Mestrado dentro da temática (Educação e Artes Visuais) desde 2011 a equipe diretiva da escola me convidou para ministrar a disciplina de Artes sempre que falta um professor concursado para atuar nessa área, tendo em vista que minha formação inicial e o concurso que realizei e fui aprovada é em Pedagogia Anos Iniciais só posso assumir essa função na falta do professor especializado.

[...] está relacionado fundamentalmente aos significados que são atribuídos a ambos os sexos em diferentes sociedades [...] [ele] procura se contrapor à ideia de uma essência (masculina e feminina) natural, universal e imutável, enfatizando os processos de construção ou formação histórica, linguística e socialmente determinadas (FELIPE e GUIZZO, 2008, p. 33).

Nesse sentido o gênero diz respeito à construção social e histórica do ser masculino e do ser feminino, isto é, às características e atitudes atribuídas a cada um deles em cada sociedade. O que quer dizer que agir e sentir-se como homem e como mulher depende de cada contexto sociocultural (LOURO, 1996).

Assim, nessa proposta de desenho para seus alunos universitários, além de oportunizar o aperfeiçoamento de seus traços nos desenhos da figura humana foi possível à autora relacionar as questões de gênero às essas produções artísticas. A partir desse momento, o foco da análise passou a ser o de perceber quais gêneros os alunos atribuiriam para as frases. Dentre as frases citadas para os alunos, a pesquisadora apresenta para seus leitores três exemplos: “Enquanto corria em direção ao avião, se lembrou que tinha esquecido os papéis da reunião”; “Sua figura se assemelhava à natureza”; “o ser humano não tem limites”. As quais a autora define como:

Frases sem sexo, mas com gênero, com um gênero construído há anos, do qual vamos nos desvinculando muito pouco a pouco e que relaciona tudo aquilo que tem importância, na esfera pública, com a ação, com o poder, com o masculino; e tudo que tem a ver com a infância, com a esfera privada, a ajuda, o passivo e o doméstico, com o feminino. E que relaciona o universal com o masculino, e o feminino com a exceção. O resultado é sempre uma associação de figuras femininas e masculinas aos termos anteriormente indicados (CAO, 2008, p. 75).

Com o olhar atento para as criações de seus alunos Cao percebeu a reiteração dos estereótipos de gênero em seus desenhos. E aproveitou essa constatação para oportunizar aos alunos um momento para a discussão a respeito da falta de equiparação entre os gêneros feminino e masculino na sociedade.

PASSO A PASSO DA PROPOSTA

Estimulada pela pesquisa realizada pela autora achei importante proporcionar essa experiência para os alunos das onze turmas com os quais trabalhava a disciplina de Artes. Oportunizei essa proposta de desenho para todas as turmas, no entanto, nesse texto apresento somente a análise das representações realizadas pelos vinte e quatro alunos do 9º ano. Essa escolha se deu para diminuir o objeto de análise e viabilizar o entendimento da forma como os alunos do último ano do Ensino Fundamental da Educação Básica representaram, através de desenhos, as frases propostas e qual sexo (masculino ou feminino) atribuiriam a cada um dos agentes das ações.

Diferentemente da proposta apresentada no artigo, selecionei frases simples e mais pertinentes à escolaridade e à realidade dos alunos com os quais trabalho. Mas igualmente busquei criar frases neutras para que os alunos lhes atribuíssem gêneros. Foram elas: “Sentou para ler o jornal”, “Caminhou feliz” e “Lavou a louça sem reclamar”. As constatações a que cheguei a partir das produções dos alunos foram muito semelhantes às conclusões obtidas por Cao. Explico, agora, como essa atividade foi realizada com os alunos.

Criadas as frases, a proposta estava pronta para ir para a sala de aula. Para cada uma das turmas expliquei a origem dessa atividade e pedi aos alunos que representassem com desenhos três frases previamente criadas por mim. No entanto, não mencionei a discussão a respeito dos gêneros que seria realizada após a análise

[2] Essa atividade foi realizada com os alunos no ano de 2014. Atualmente trabalho com a disciplina de Artes em nove turmas dos Anos Finais Ensino Fundamental.

de suas produções para não os influenciar. Alguns alunos acharam a proposta difícil, pois nunca tinham feito algo parecido, mesmo assim todos se dedicaram e realizaram desenhos para cada uma das frases apresentadas.

ANÁLISE DOS DESENHOS

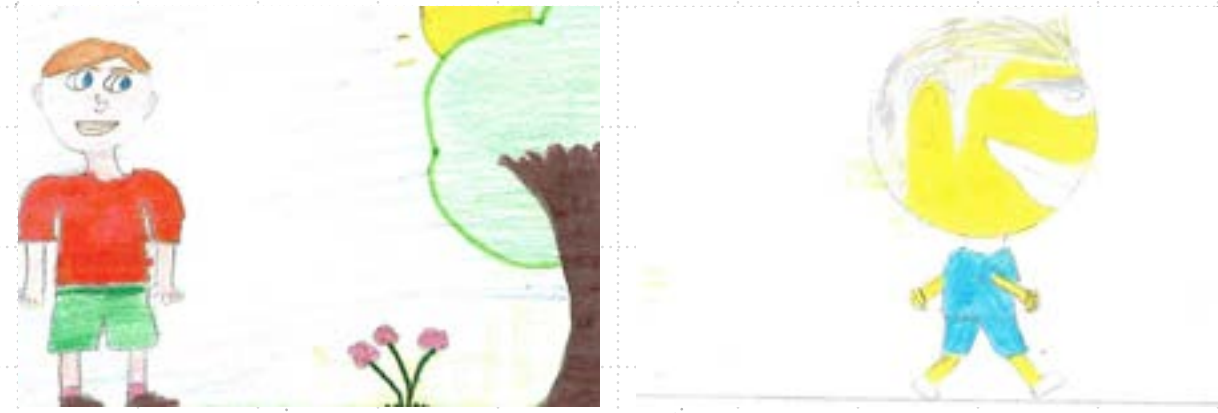
Para representar a frase “Sentou para ler o jornal”, vinte e dois dos vinte e quatro alunos que participaram da pesquisa desenharam um homem como agente desta ação enquanto apenas dois alunos desenharam mulheres lendo (Figuras 1 e 2).



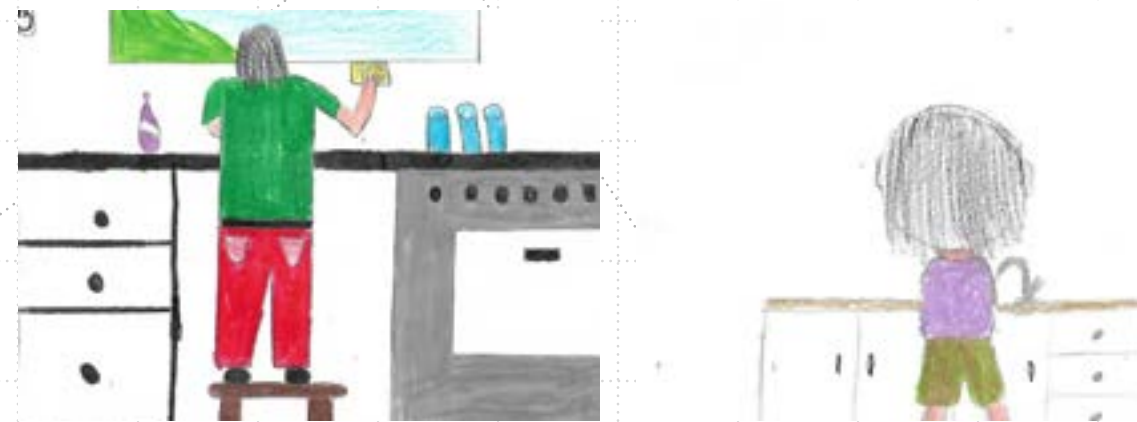
Figuras 1 e 2. Desenhos de dois alunos do 9º ano. Fonte: Arquivos da autora.

A frase: “Caminhou feliz”, foi representada por dezoito alunos como atividade realizada por um homem e, por seis alunos, essa atitude foi praticada por uma mulher (Figuras 3 e 4).

A ação da frase “Lavou a louça sem reclamar” foi representada por dezessete alunos como sendo realizada por um homem, enquanto sete alunos desenharam mulheres lavando a louça sem reclamar (Figuras 5 e 6).



Figuras 3 e 4. Desenhos de dois alunos do 9º ano. Fonte: Arquivos da autora.



Figuras 5 e 6. Desenhos de dois alunos do 9º ano para a sentença “Lavou a louça sem reclamar”. Fonte: Arquivo da autora.

Nas duas primeiras frases, a relação entre gênero e estereótipos de gênero mostrou-se de forma explícita. Para atribuir um sexo a pessoa que “senta para ler o jornal” quase a totalidade dos alunos escolheu um homem. Após essa constatação questionei-me: Será que essa escolha foi aleatória? Por que somente dois alunos representaram mulheres em tal situação? As mulheres com as quais convivem lêem pouco? Os homens que eles conhecem

lêem mais que as mulheres? Será que o portador de texto, Jornal, remete a um leitor masculino? Essas, entre outras interrogações, fizeram-se presentes em meus pensamentos.

Ainda hoje vivemos em uma sociedade machista e sexista, na qual a mulher é considerada inferior ao homem e incapaz de exercer os mesmos papéis que ele. Nessa perspectiva é mais aceitável atribuir aos homens os cargos de chefia como também oferecer a eles o melhor salário, algumas vezes exercendo a mesma função que as mulheres. Mesmo que as pesquisas⁴ comprovem que atualmente as mulheres têm mais anos de estudo que os homens e que muitas delas são as “chefes” da família⁵, sendo responsáveis pelo sustento da família e pelo cuidado dos filhos. Essa desigualdade entre os gêneros ainda é muito comum, infelizmente. De acordo com Constância Duarte, “[...] apesar de tantas conquistas nos inúmeros campos de conhecimento e da vida social, persistem nichos patriarcais de resistência” (2007, p. 133).

Frente a essa realidade foi mais “fácil” para os alunos representarem um homem exercendo uma atividade intelectual do que uma mulher, reforçando a ideia socialmente construída de que os homens são mais inteligentes que as mulheres, sacramentando assim, o padrão estabelecido.

Para a segunda frase a constatação não se difere muito. Ao eleger uma pessoa para exercer a ação de “caminhar feliz”, a maioria dos alunos escolheu apresentar um homem. Assim como Cao observou, na sua pesquisa, que tudo que se relaciona ao universal é masculino e tudo que está relacionado à esfera interna é feminino. Sua observação é corroborada através destes desenhos que representam o universal (o ambiente externo, a rua, a praça, a cidade) como ambiente masculino, já que dezessete alunos

(do total de dezoito), que retrataram homens vivenciando esse momento feliz, utilizaram, como cenário para essa caminhada, ruas arborizadas, reafirmando assim, que a esfera pública é ambiente para os homens e não para as mulheres. Conforme Jussara Prá (2013, p. 5):

[Esta] distinção histórica que delimita esferas de competência para cada sexo e restringe a influência das mulheres à família, ao lar e ao doméstico. A esfera pública, da razão, passa a ser de competência masculina e a esfera privada, da natureza identificada como feminina.

Em virtude dessa construção social e história não causa estranhamento nos depararmos com as produções dos alunos, as quais reforçam padrões de comportamentos legitimados para os sexos femininos e masculinos.

Em relação à terceira frase, “Lavou a louça sem reclamar”, primeiramente, pode-se pensar que finalmente houve uma quebra dos padrões socialmente estabelecidos para homens e mulheres. Já que culturalmente tudo aquilo que é relacionado ao doméstico seria uma atividade feminina e não masculina, como Cao mostrou no seu texto. No entanto, analisando com mais atenção a frase que construí para apresentar aos alunos é possível inferir que ao acrescentar a expressão “sem reclamar” a oração permitiu aos alunos que aferissem aos homens essa tarefa. Tendo em vista que os homens dificilmente realizariam essa atividade doméstica, socialmente atribuída às mulheres, sem algum tipo de questionamento. E como a frase possibilita o entendimento que “naquele momento”, ou “naquela vez” a pessoa não reclamou, já que provavelmente os homens reclamariam sempre, os alunos sentiram-se autorizados a representar um homem em tal situação.

[3] Sexismo, discurso ou comportamento, que se baseia no preconceito e na discriminação sexual: a exaltação exagerada do masculino ou do feminino é uma forma de sexismo. SEXISMO. In. Dicio. Dicionário Online de Português, s/n, disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sexismo/>> Acesso em: 15 nov. 2018.

[4] Informações obtidas no site Guia do estudante, disponível em: <<https://goo.gl/NA92Ap>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

[5] Em quinze anos dobrou o número de famílias chefiadas por mulheres no Brasil. Informações encontradas no site da revista Época Negócios, disponível em: <https://goo.gl/2M5jUv>. Acesso em: 15 nov. 2018.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Frente a essas constatações nota-se que ainda existe a necessidade de se pensar e apresentar os gêneros dentro de padrões socialmente estabelecidos para os homens e as mulheres. Mesmo que na prática esses padrões não se justifiquem. Faço essa afirmação a partir da pesquisa realizada por Cao, que, ao conversar com seus alunos sobre suas intenções a partir das propostas de desenho, dividiu com eles o que foi possível analisar a partir de suas produções em relação às questões de gênero e aos padrões socialmente estabelecidos para os sexos.

Cao afirma que os alunos mostraram-se desolados quando souberam que em suas produções reforçaram estereótipos historicamente atribuídos para os homens e as mulheres, e mencionou o relato de um dos jovens, nas palavras da autora:

Lembro-me de um aluno que, profundamente consternado, dizia-me que era ele quem sempre trocava sua filha, que era “sua” tarefa, mas ao colocá-la no papel, como “modelo”, como padrão, acabou colocando uma figura feminina (CAO, 2008, p. 75).

Mesmo que nas suas rotinas os alunos homens exerçam atividades culturalmente atribuídas às mulheres e vice-versa, no momento em que são estimulados a pensar e a ilustrar essas situações reafirmam os estereótipos de gênero preservando, assim, traços da família patriarcal. De acordo com Cao: “Surpreende ver como os padrões, mesmo quando nós mesmos não o aceitamos, permanecem arraigados e surgem nos momentos mais inesperados” (2008, p. 75).

Oportunizar aos alunos atividades não sexistas é apenas a ponta do iceberg, no entanto é um exercício extremamente importante para a construção de uma sociedade justa e igualitária. Frente a essa

realidade Izaura Rufino Fischer e Fernanda Marques afirmam que é fundamental que coloquemos em prática:

Uma conjuntura em que todos tenham acesso aos bens e serviços produzidos socialmente e em que prevaleça, principalmente, educação igual para meninos e meninas, possibilitando a formação de comportamentos semelhantes nas relações de gênero. A educação, seja a informal doméstica, seja a instrução escolar, se constitui numa das bases da exclusão e da violência contra o feminino, disseminada em vários contextos da sociedade. É a partir de detalhes sutis como os brinquedos infantis, a exemplo do carrinho, da arma e da boneca, que a criança é preparada para o espaço público, reservado ao masculino e, portanto, o mais violento, e o privado, reservado ao feminino, o da submissão. O carro e o revólver, simbolizando o espaço público, representam a violência, a decisão, o domínio etc. A boneca está associada ao trabalho da casa, ao fogão e à maternidade (FISCHER; MARQUES, 2009, p.4).

De acordo com as autoras é dessa forma que vão sendo construídos papéis para homens e mulheres, gerando a necessidade da existência de um ser frágil - sensível, dócil - para justificar o outro ser forte – agressivo, intolerante, reiterando assim a cultura patriarcal e sexista e garantindo a disparidade entre os gêneros.

Dessa forma é imprescindível que a cultural desigualdade entre os gêneros seja discutida e problematizada no ambiente escolar. Para tanto, é fundamental que as produções dos alunos que se prestam a discussões desse tipo não fiquem relegadas aos cadernos de desenho como mais um trabalho realizado na disciplina de Artes. Estas produções devem ser utilizadas como ponto de partida para uma discussão crítica sobre os padrões socialmente construídos para homens e mulheres. E é importante, então, que sejam oportunizados aos professores e estudantes momentos para eles lerem essas imagens.

[6] O poder patriarcal diz respeito a autoridade do pai e do marido sobre os filhos e esposas. Numa família patriarcal, as pessoas não se veem como indivíduos, mas como integrantes de um grupo, dentro de um esquema familiar hierárquico (MUAZE, 2011, p.2-3; BERQUÓ, 1998, p.415).

De acordo com Maria Helena Rossi (2003), ler uma imagem é interpretar, é significar é relacionar o visto com o vivido. Analice Dutra Pillar (2001) diz que a palavra leitura tem sido utilizada para denominar o que fazemos ao refletirmos sobre o que estamos olhando. Ler uma imagem é atribuir sentido e esse sentido é construído pelo contexto e pelas informações que o leitor tem. Segundo a autora:

O olhar de cada indivíduo está impregnado com experiências anteriores, associações, lembranças. O que se vê não é o dado real, mas aquilo que se consegue captar e interpretar acerca do visto, o que nos é significativo (PILLAR, 2001, p. 13).

Nessa mesma direção, Rossi (2003) afirma que a construção de sentido não é neutra, pois não existe significado desconectado do mundo em que se vive. Assim, o leitor da imagem para significá-la fará uso de suas experiências anteriores, das suas referências e estabelecerá relações a partir do seu universo visual.

Instigados a um olhar atento, os estudantes permanecerão distantes do “regime da olhadela; da espiadela” (ELLIS, 1982) e deixarão de ser “cegos videntes” expressão utilizada por María Acaso (2009) para fazer referência à quantidade de imagens que consumimos diariamente sem realmente ler a nenhuma delas. Em relação a gigantesca quantidade de imagens com as quais convivemos atualmente Ítalo Calvino (1990, p.107) pontua que:

Hoje somos bombardeados por uma tal quantidade de imagens a ponto de não podermos distinguir mais a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão [no computador e no celular]. Em nossa memória se depositam, por traços sucessivos, mil estilhaços de imagens, semelhantes a um depósito de lixo, onde é cada vez menos provável que uma delas adquira relevo.

Nesse sentido reitero a importância de estimularmos em nossos alunos o “olhar pensante” que é sensível, que aprecia, que reflete e que avalia (MARTINS, 1993). Em outras palavras, Ana Claudia de Oliveira (1998) afirma que educar é fazer ver mais, ver além das aparências que vestem as coisas e os discursos. Para esse estudo, educar é permitir aos alunos que enxerguem além dos estereótipos que, mesmo de forma inconsciente, direcionam nossas atitudes e pensamentos.

Somente a partir de atividades que estimulem os alunos a questionar o senso comum é que eles poderão perceber o quanto reafirmam os estereótipos de gênero mesmo que, a princípio, não tenham a intenção de fazê-lo.

Como finalização dessa pesquisa, levei os resultados encontrados, a partir da análise dos desenhos realizados pelos alunos, para serem discutidos em sala de aula. E, assim como Cao constatou com seus alunos universitários na Espanha, percebi, nas falas dos alunos canoenses, que eles não tinham a intenção de reafirmar estereótipos de gênero, sendo assim, podemos concluir que a reiteração – do que são atitudes e deveres socialmente determinados para homens e mulheres – presente em seus trabalhos, aconteceu de maneira inconsciente.

Fato que pode ser comprovado a partir da fala de uma das alunas “Sora, nem sei porque desenhei um homem lendo. Lá em casa quem mais lê sou eu e a minha mãe” (menina, 15 anos). Já as falas de dois meninos da turma deixam evidentes as suas participações na realização das atividades domésticas: “Lá em casa sou sempre eu quem lavo a louça” (menino, quatorze anos); “Eu só podia jogar bola depois de arrumar a casa” (menino, dezesseis anos). As falas dos estudantes se prestam para evidenciar as vivências não sexistas que estão presentes nas suas rotinas o que, em contrapartida, não pode

ser observado em seus desenhos. Com essa conversa oportunizei aos alunos momentos para pensarem criticamente a respeito dos seus comportamentos, das produções gráficas realizadas, com o intuito de problematizar os estereótipos de gênero. Dessa forma, é possível que eles deixem de reproduzir e reforçar os padrões socialmente construídos e aceitos para os homens e as mulheres. De acordo Fernando Seffner (2008, p.18), a escola pode ter um importante papel em prol da igualdade entre os gêneros:

[...] os homens podem ser educados para perceber estas situações e para lutar por um mundo onde a equidade de gênero seja a regra. A escola não tem como "resolver" sozinha esta questão, até porque as pedagogias de construção da masculinidade estão presentes em propagandas da mídia, em sistemas de recrutamento de recursos humanos, nos discursos sobre segurança e família, em muitos discursos religiosos que asseguram para o homem a posição de mando sobre a mulher e justificam isso de modo "divino". Mas a escola pode ser um ambiente onde os meninos e as meninas passem por uma experiência de estudo e discussão destes temas, e de vivência num contexto onde a equidade de gênero é a regra.

Nesse sentido essa discussão vai de encontro a proposta "Escola sem Partido" que está tramitando na câmara para ser votada em 2019 e, se aprovada pela plenária da câmara e pelos Senadores se tornará Lei. Essa proposta, dentre outros retrocessos, propõe tirar do ambiente escolar e dos livros didáticos qualquer menção à gênero e orientação sexual. Algo extremamente desanimador quando levamos em consideração que a sala de aula é um excelente lugar para se promover o reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos a diferenças. Por isso, a importância do ambiente escolar ser um espaço para se discutir, a partir de uma perspectiva crítica, as relações de poder, as hierarquias sociais e os

processos de subalternização ou de exclusão.

Enfim, é fundamental que os professores oportunizem aos alunos momentos para representarem e pensarem sobre a realidade em que vivem. Para que a partir dessas produções possam ser oportunizados debates sobre a forma que os estudantes enxergam e entendem a sociedade contemporânea. E que, assim, exerçam a sua cidadania na busca incansável por uma sociedade justa e igualitária. Resistiremos!

REFERÊNCIAS

ACASO, Maria. Propuestas 'mestizas': **La Educación Artística Posmoderna**. In _____, *La educación artística no son manualidades*. Madrid: Catarata, 2009. p. 129-170.

BERQUÓ, Elza. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. **História da vida privada no Brasil**, v. 4, p. 411-437, 1998.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAO, Marián López Fernández. Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística. (p.69-86) In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lillian (orgs). **Interterritorialidade: mídias, contextos e educação**. São Paulo: Edições SESC SP, 2008.

DUARTE, Constância Lima. Pequena história do feminismo no Brasil. In: CARDOSO, Ana Leal. e GOMES, Carlos Magno. **Do imaginário às representações na Literatura**. São Cristóvão: Editora UFS, 2007, p. 127-134.

ELLIS, John. **Visible fictions**. Cinema, television, video. London: Routledge & Kegan Paul, 1982.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dogmar; SOARES, Rosângela. (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

FISCHER, Izaura. R., MARQUES, Fernanda. Gênero e exclusão social. In: **FUNDAJ**. Trabalhos para discussão, n. 113, ago. 2001. Disponível em: <http://>

www.faculdadechristus.com.br/download/enade2009/enade_2009_0510_genero_e_exclusao.pdf#page=3&zoom=auto,-70,550. Acesso em: 08 abr. 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Nas redes do conceito de gênero**. In: LOPES, M. J. D.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. (orgs.). Gênero e saúde. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.

MARTINS, Mirian Celeste. O sensível olhar-pensante: premissas para a construção de uma pedagogia do olhar. **Arteunesp**, São Paulo, v.9, p.199-217, 1993.

MUAZE, Mariana. Por uma micro-história da família. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH, São Paulo, julho, 2011.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. A Semiótica: uma prática do olhar na vida sociocultural. Nexos: **Revista de estudos de comunicação e educação**. São Paulo, Universidade Anhembi Morumbi, n.3, agosto, p.7-12, 1998.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

PRÁ, Jussara Reis. Estereótipos e ideologias de gênero entre a juventude brasileira. **Revista feminismo**, Salvador, vol. 1, n.3, 2013.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam: leitura da arte na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

SEFFNER, Fernando. Gênero, sexualidade, gênero e poder. **Salto para o futuro**, v. XVIII, p. 15-20, 2008.